

COVID-19 EM SANTA CATARINA

Estudo sobre níveis de conhecimento, padrões de comportamento social e impactos na vida social e econômica

Agosto 2020



Equipe:

Prof. Jacques Mick (Depto de Sociologia e Ciência Política, UFSC)

Prof. Julian Borba (Depto de Sociologia e Ciência Política, UFSC - Coordenador)

Prof. Luis Felipe Guedes da Graça (Depto de Sociologia e Ciência Política, UFSC)

Prof. Sérgio F. T. de Freitas (Departamento de Saúde Pública, UFSC - Coordenador)

Lucas Amorim (Estudante de Graduação em Ciências Sociais, UFSC)

Apoio:

Universidade Federal de Santa Catarina - Agecom

Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina

Malena Wilbert, Jornalista da DFato Comunicação

Nei Batista Bueno, Jornalista da ALESC

Breno Biagiotti, Jornalista, Doutorando em Eng. de Gestão e Conhecimento

RESUMO: A pesquisa teve como finalidade central analisar o acesso à informação, as atitudes e comportamentos da população catarinense em relação à pandemia Covid-19 e os principais efeitos sociais e econômicos das medidas de restrição à circulação. De forma específica, buscou-se: 1) Verificar as principais fontes de informação utilizadas pela população sobre a Covid-19; 2) Verificar o comportamento e as opiniões da população sobre as políticas de isolamento social; 3) Verificar as atitudes da população em relação a percepção de insegurança social, medo de contaminação e conhecimento sobre infectados em círculo social; 4) Verificar os impactos socioeconômicos da Covid-19, bem como as expectativas dos respondentes sobre sua situação econômica futura. Os resultados aqui apresentados oferecem subsídios aos gestores públicos e a sociedade civil, de modo a ampliar a efetividade de políticas públicas destinadas ao controle epidemiológico da Covid-19.

1. Introdução

A difusão da Covid-19 tem provocado impactos profundos em muitas esferas da vida econômica e social. Além de colapsar os sistemas de saúde, a pandemia tem ocasionado contração global da atividade econômica, desemprego, diminuição de renda e aumento dos níveis de insegurança social, somente para listar alguns aspectos mais destacados pelos especialistas. Os impactos econômicos, sociais e individuais derivados das medidas de distanciamento social necessárias ao combate à expansão da doença já são sentidos pela sociedade catarinense. Dados da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) estimam uma retração entre 16,1% e 21,0% dos empregos industriais catarinenses, o que equivaleria a algo em torno de 165 mil empregos, considerando o cenário médio.

Apesar dessas projeções, pouco ainda se sabe dos efetivos impactos da pandemia sobre os cidadãos catarinenses em termos econômicos, sociais e individuais. Como os diferentes segmentos da sociedade têm sido impactados em termos de renda e emprego? Como têm se informado a respeito da pandemia e seus riscos? Qual a qualidade das fontes de informação que mobilizam a respeito do tema? Que decisões têm sido tomadas de modo a evitar o contágio? O isolamento social tem sido respeitado? Como os catarinenses têm se comportado durante o retorno gradual de algumas atividades econômicas? Como eles percebem a possibilidade da necessidade de um novo período de isolamento, caso a doença volte a se propagar rapidamente? Quais suas expectativas em relação ao retorno de atividades presenciais e à duração das consequências econômicas e sociais da pandemia?

Para responder a algumas dessas questões, na presente pesquisa desenvolvemos um inquérito online aplicado aos residentes no estado de Santa Catarina, de modo a subsidiar a formulação de políticas públicas e ações privadas destinadas ao seu combate e a atenuar os seus efeitos deletérios sobre a economia e a sociedade. A pesquisa teve como objetivo central analisar o acesso à informação, as atitudes e comportamentos da população catarinense em relação à pandemia Covid-19 e os principais efeitos sociais e econômicos das medidas de restrição à circulação.

2. Metodologia

Foi desenvolvida uma enquete em rede (online survey), com uma amostra de conveniência aplicada entre os residentes do estado de Santa Catarina. A pesquisa foi realizada entre 01 e 30 junho de 2020, junto a 2636 respondentes.

Para execução da pesquisa, a equipe contou com a colaboração de instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina e Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, que, através de suas assessorias de imprensa divulgaram os convites e o acesso à plataforma da pesquisa. Os questionários foram divulgados e respondidos através do acesso dos respondentes a diferentes coletores embutidos nos seguintes meios: email, WhatsApp, Twitter, Facebook, Instagram e página da pesquisa na internet (<http://efeitosdapandemia.paginas.ufsc.br/>). Cerca de metade das respostas foi obtida via Whatsapp e a outra metade concentrou-se em acessos via página da pesquisa ou via Facebook.

Considerando não se tratar de uma amostragem probabilística, não é possível aqui fazer inferências populacionais. Os resultados permitem apenas identificar as relações entre determinados atributos dos respondentes e as suas atitudes e comportamentos. As respostas têm totais de respondentes diferentes, pois os participantes tiveram amplo poder para deixar questões sem respostas.

3. Caracterização da amostra

Antes de entrar na apresentação dos resultados, segue uma breve descrição da composição da amostra obtida pela pesquisa. O perfil obtido com a pesquisa pode ser sintetizado a partir das seguintes características gerais: *predomínio do sexo feminino, oriundos de 129 municípios das diversas regiões do estado, concentrados na região da Grande Florianópolis, com predomínio de brancos e de adultos jovens, com maior frequência de faixa de renda entre 3 a 10 salários mínimos*, conforme tabelas abaixo:

Tabela 1. Distribuição da amostra por sexo

Feminino	72,5% (1482)
Masculino	27,3% (559)
Prefiro não Responder	0,1% (3)

Tabela 2. Distribuição da amostra por raça

Branca	88,9% (1818)
Preta	2,5% (51)
Amarela	0,7% (15)
Parda	7,1% (146)
Indígena	<0,1% (1)
Outra	0,6% (13)

Tabela 3. Distribuição da amostra por faixa etária

Até 19 anos	2,7% (55)
20-29 anos	25% (514)
30-39 anos	22,5% (462)
40-49 anos	16,9% (347)
50-59 anos	17,8% (366)
60-69 anos	12,2% (251)
70 anos ou mais	2,9% (59)

Tabela 4. Distribuição da amostra por mesorregião

Oeste Catarinense	12% (244)
Norte Catarinense	10,4% (213)
Serrana	5,1% (104)
Vale do Itajaí	7,9% (161)
Grande Florianópolis	57,5% (1172)
Sul Catarinense	7,1% (146)

Tabela 5. Distribuição da amostra por nível de instrução

Analfabeto/Primário ou fundamental incompleto	0,4% (9)
Fundamental Completo ou Ensino Médio Incompleto	1,4% (29)
Ensino Médio Completo	8,3% (169)
Superior Incompleto	18,8% (384)
Superior Completo	23,2% (475)
Pós-Graduação	47,9% (981)

Tabela 6. Distribuição da amostra por renda

Até ½ SM	1,6% (31)
½-1 SM	5,6% (110)
1-2 SM	10,2% (199)
2-3 SM	13,9% (272)
3-5 SM	21,2% (414)
5-10 SM	26,5% (516)
10-20 SM	16,3% (317)
Mais de 20 SM	4,7% (91)

Tabela 7. Você pertence ao grupo de risco em relação à covid-19 (idosos, hipertensos, diabéticos, doença respiratória crônica, doença cardiovascular e obesos)?

Sim	34,7% (709)
Não	63,3% (1293)
Não sabe	2% (40)

Tabela 8. Distribuição da amostra por posicionamento político autodeclarado (PPA)

Esquerda	31,7 (648)
Centro-Esquerda	19,6 (400)
Centro	6,0 (123)
Centro-Direita	6,0 (123)
Direita	8,4 (171)
Não sei	12,1 (248)
Não quero responder	16,2 (332)

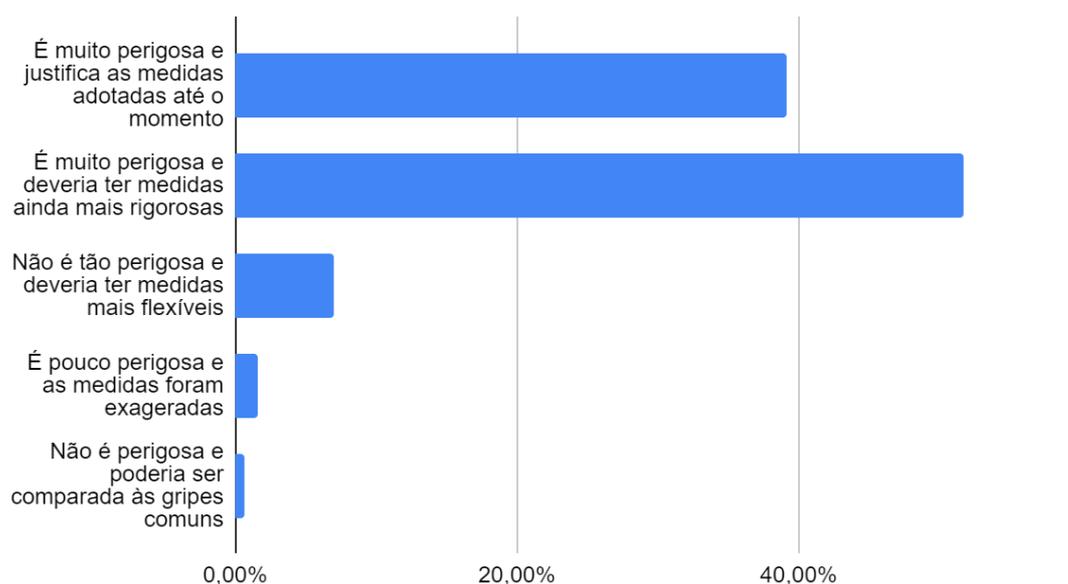
4. Resultados

a. Fontes e níveis de informação sobre a Pandemia

O gráfico abaixo apresenta a distribuição percentual das respostas à pergunta sobre a percepção dos entrevistados sobre a pandemia de Covid-19. Nele é possível ver que a maioria dos entrevistados considera que a pandemia é realmente perigosa e justifica as medidas tomadas até o momento ou mesmo medidas mais duras.

Gráfico 1:

Na sua percepção, a pandemia de COVID 19:

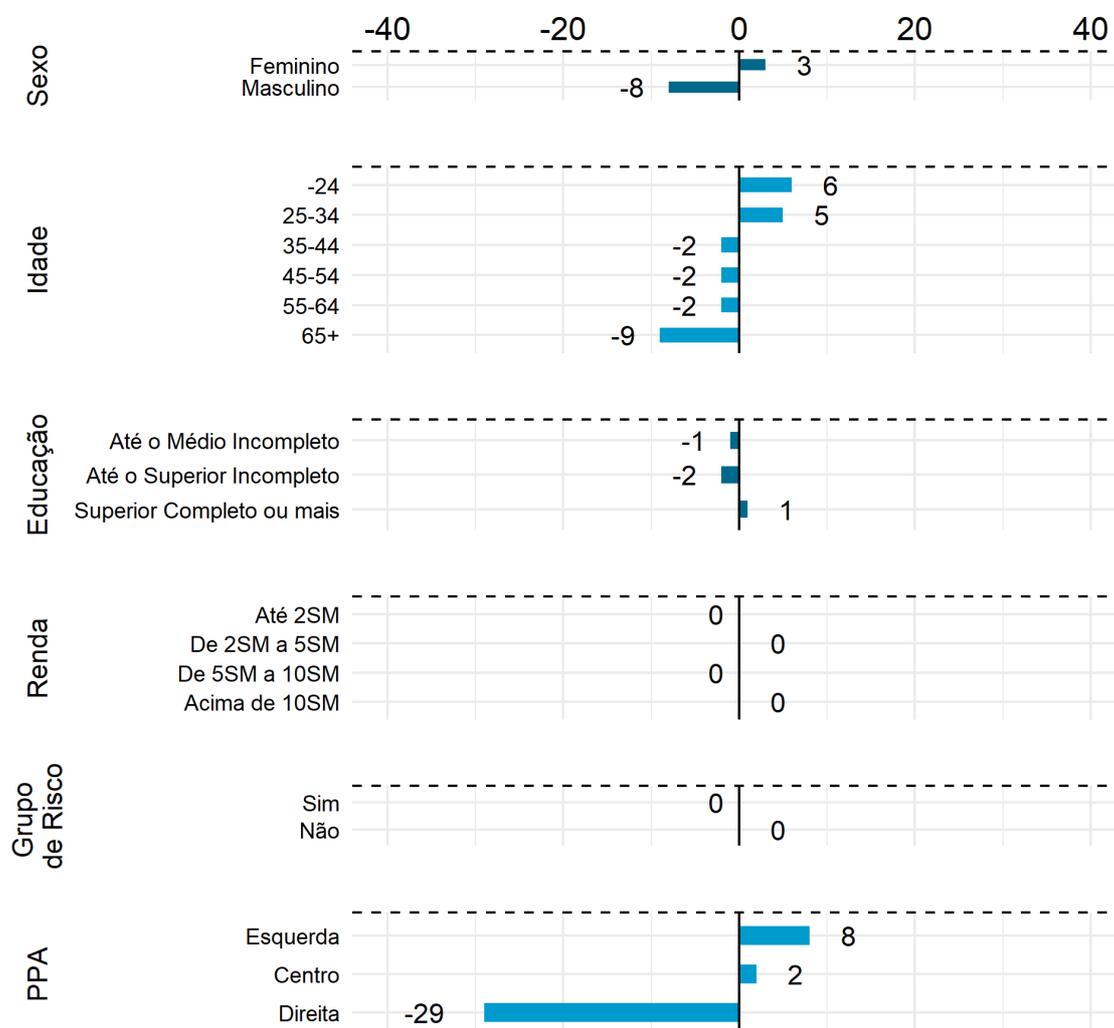


Para compreender melhor a questão, juntamos os respondentes que afirmaram que a pandemia “É muito perigosa e justifica as medidas adotadas” e “É muito perigosa e deve ter medidas ainda mais rigorosas”. No gráfico abaixo apresentamos os desvios em relação à proporção na amostra (76%), considerando as seguintes variáveis: sexo, idade, educação, renda, pertencimento a grupo de risco e posicionamento político autodeclarado.

Gráfico 2:

Percepção sobre Covid-19: Muito perigoso

Desvio do valor em relação ao total da amostra (76%) em pontos percentuais



É possível ver que os respondentes homens consideravam a pandemia menos perigosa, assim como pessoas com mais de 65 anos, e aquelas com posicionamento político autodeclarado de direita.

Tabela 9. Distribuição da amostra por autopercepção do nível de informação

Muito bem informado	23,3% (590)
Bem informado	47,8% (1209)
Com algumas dúvidas	24,5% (620)
Pouco informado	3,2% (81)
Muito Pouco Informado	1,1% (28)

Em relação à percepção sobre o nível de informação (Tabela 9), 47,8% se consideram bem informados ou muito bem informados (23,3%). Apenas 4,3% se acharam pouco (3,2%) ou muito pouco informados (1,1%); outros 24,5% relataram ter algumas dúvidas. No entanto, daqueles que se sentiam muito bem informados, apenas 32,9% identificaram corretamente qual a faixa etária mais atingida pela Pandemia; entre os que se classificaram como bem informados, o conhecimento foi ligeiramente superior (33,8%), mas com percentual de acerto ainda muito baixo. Dentre os que responderam que se sentiam pouco ou muito pouco informados, 12,1% e 13,6% selecionaram a opção “não sei”, respectivamente.

A frequência de respostas de cada categoria em relação às fontes de informação mais frequentes sobre a pandemia está contida na tabela 10. Das pessoas que dizem se informar pela TV, 30,2% identificaram corretamente qual a faixa etária mais atingida pela pandemia; pela rádio, 34,2%; pelas mídias sociais, 30,6%; pelos sites oficiais do governo, 34,4%; por amigos/parentes/colegas de trabalho, 28,5%; por jornais impressos ou online, 35,7%; por sites científicos ou de universidades, 39,4%. As pessoas que se informam via sites científicos ou de universidades têm destaque positivo em relação ao percentual de acerto da faixa etária mais atingida pela pandemia (39,4%), mesmo com um percentual baixo. Por outro lado, as pessoas que se informam via amigos/parente/colegas de trabalho têm destaque negativo em relação ao percentual de acerto da faixa etária mais atingida pela pandemia (28,5%).

Tabela 10. Tipos de fontes de informação mais frequentes sobre a pandemia

TV	59,9% (1579)
Rádio	8,1% (213)
Mídias Sociais	59,4% (1565)
Sites oficiais do governo	64,9% (1712)
Amigos/Parentes/Colegas de trabalho	21,2% (560)
Jornais Impressos ou online	36% (948)
Sites científicos ou de universidades	39,5% (1041)
Outras	2,4% (62)

Em relação a percepção das faixas etárias mais atingidas, há uma clara tendência em subestimar a ocorrência da doença nas faixas mais jovens, e uma superestimativa de casos em idosos. A tabela 11 mostra esta tendência em detalhes:

Tabela 11. Diferença entre a percepção dos respondentes e os dados oficiais observados no final do período de coleta de dados.

	Observado(%)	Percebido(%)	Tendência
Crianças e adolescentes	7,3	0,2	Subestimado
20-29 anos	21,4	5,2	Subestimado
30-39 anos	31,7	31,4	Equilíbrio
40-59 anos	33,6	32,1	Equilíbrio
Idosos	10,8	22,3	Superestimado

Obs. : os casos observados no estado não sofreram variação importante no período da pesquisa, sendo adotado o critério de se considerar o último de coleta como parâmetro.

É importante observar que a faixa etária mais frequente de doença é aquela entre 30-39 anos. O agrupamento das faixas etárias 40-49 e 50-59 foi adotado para permitir a avaliar a percepção entre adultos jovens, adultos e idosos.

Em relação a qual grupo tem um maior risco em relação à pandemia, há uma percepção de que o grupo com maior risco é aquele das pessoas com doenças respiratórias e o com menor risco dentre os apresentados é aquele das pessoas com hipertensão. Os dados para o Brasil mostram que têm maior risco os seguintes grupos, do maior para o menor: Idosos, hipertensos, pessoas com doenças cardíacas e diabetes. A percepção inicial era de que as doenças respiratórias seriam as mais perigosas, o que não se confirmou nos dados oficiais. Até o encerramento da coleta de dados, as doenças respiratórias/pulmonares eram apenas a quinta causa de risco.

Tabela 12. Média de classificação de grupos quanto ao risco

1. Pessoas com doenças respiratórias	2,84
2. Idosos	2,99
3. Pessoas com doenças cardíacas	3,47
4. Diabéticos	3,82
5. Trabalhadores da Saúde	3,89
6. Pessoas com hipertensão	3,96

Quanto mais próximo a 1 maior o risco e quanto mais próximo a 6 menor o risco classificado de acordo com os participantes da pesquisa.

Em relação à proteção advinda do uso de máscara, 88,1% entendem que a máscara protege aos dois; dentre esses, 66,4% entendem que protege aos dois apenas se ambos estiverem usando e 21,7% independente disto. Apenas 0,6% acreditam que a máscara não protege a nenhum dos dois.

Tabela 13. Distribuição da amostra por entendimento sobre a proteção a partir do uso de máscara

Aos dois	21,7% (485)
Aos dois, se ambos estiverem com ela	66,4% (1481)
Mais ao próprio usuário	1,4% (31)
Mais à outra pessoa	9,7% (216)
A nenhum dos dois	0,6% (13)
Não sei	0,2% (5)

b. Os impactos sócio-econômicos da Pandemia

A grande maioria dos participantes não fizeram testes (95,7%), porém a grande maioria também não teve qualquer sintoma da doença (84,6%) ou teve seu teste com resultado negativo (3,6%). Apenas 11,7% teve alguma suspeita (11,1%) ou foi diagnosticado com a doença (0,6%).

Apesar da grande maioria não ter se contaminado ou tido algum sintoma da doença, uma parcela significativa dos participantes conhecia em junho alguém que se infectou com o vírus (37,9%).

Tabela 14. Distribuição da amostra em relação a infecção com a covid-19

Não tive qualquer sintoma da doença.	84,6% (1880)
Suspeito que tive, mas não fui testado.	11,1% (246)
Fiz o teste e o resultado do exame foi negativo.	3,6% (81)
Fiz o teste e o resultado do exame foi positivo.	0,6% (14)

Tabela 15. Alguém que você conhece pessoalmente se infectou com a covid-19?

Sim	37,9% (844)
Não	52% (1159)
Não sabe	10,1% (225)

Quase metade dos participantes afirmaram que sua renda foi comprometida por conta do covid-19 (48,8%). Dentre os principais motivos destacam-se a impossibilidade ou dificuldade de gerar renda por conta das medidas de confinamento (35,4%) e a redução ou suspensão do salário (23,9%).

Tabela 16. O covid-19 afetou a sua renda?

Sim	48,8% (1087)
Não	51,2% (1139)

Tabela 17. Principais razões de alteração na renda

Fui demitido	5,5% (59)
Meu salário foi reduzido/suspensão	23,9% (259)
Perdi clientes	19,4% (210)
Impossibilidade/dificuldade de gerar renda por medidas de confinamento	35,4% (383)
Outra	15,8% (171)

Em relação a outros problemas enfrentados na pandemia, destacam-se a preservação da saúde mental (36,3%) e a sensação de isolamento (37%).

Grande parte dos entrevistados tm dividido sua residência com o(a) companheiro(a)/esposo(a) (46,1%) e/ou filhos(as)/enteados(as) (29,6%). Apenas 8,8% afirmaram que moram sozinhos.

Tabela 18. Outros problemas enfrentados na pandemia

Manter alimentação adequada	14,8% (391)
Adquirir artigos de higiene e limpeza	1,8% (48)
Acessar serviços de saúde	10,5% (276)
Moradia	1,8% (48)
Preservar a Saúde Mental	36,3% (956)
Sensação de Isolamento	37% (976)
Falta de transporte coletivo	7,1% (188)
Dificuldade de conciliar trabalho com a educação dos filhos	9,7% (255)
Outras	10,8% (284)

Tabela 19. Com quem tem dividido residência durante a pandemia do Covid-19?

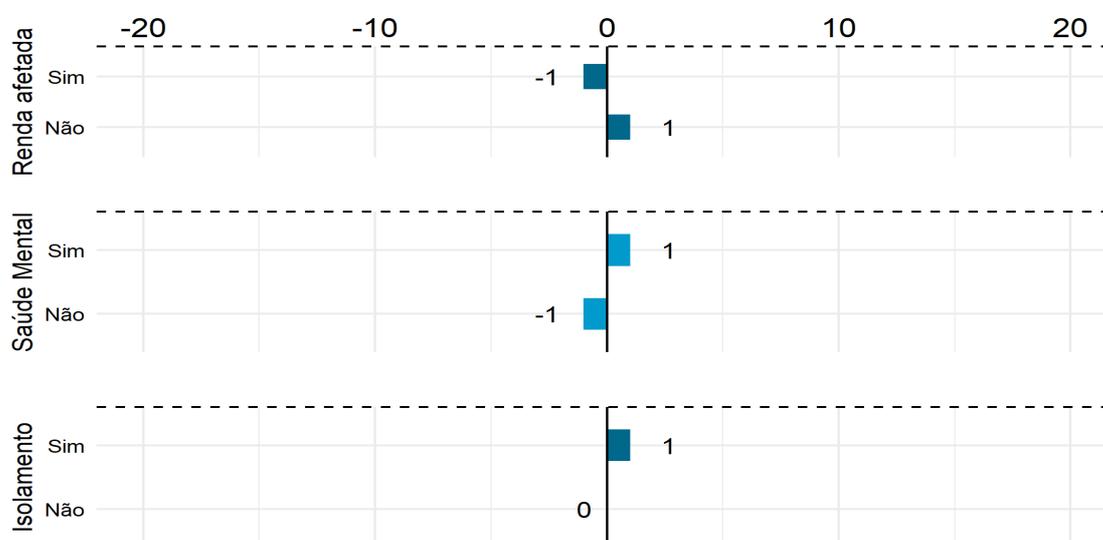
Companheiro(a)/Esposo(a)	46,1% (1214)
Filhos(as)/Enteados(as)	29,6% (779)
Pai e/ou mãe (Padrasto e/ou madrasta)	18,9% (498)
Sogro e/ou sogra	2,6% (68)
Avó(s) e/ou avô(s)	1,7% (44)
Outro(s) parente(s) (tio/s, primo/s etc)	6% (159)
Colega(s) de moradia	3,9% (102)
Moro sozinho	8,8% (232)

Mesmo que as questões relacionadas à saúde mental e sensação de isolamento possam ser associados às pessoas que moram sozinhas, pode-se perceber no Gráfico 3, abaixo, que não há diferença aparentemente significativa nas respostas das pessoas que moram com outras pessoas ou das pessoas que moram sozinhas. Isso indica que mesmo em convívio com sua própria família ou colegas de residência, essa sensação de isolamento e influência na manutenção de sua saúde mental pode se fazer presente.

Gráfico 3:

Morar sozinho e os impactos do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (8%) em pontos percentuais



c. As atitudes em relação à Pandemia e às políticas de isolamento social

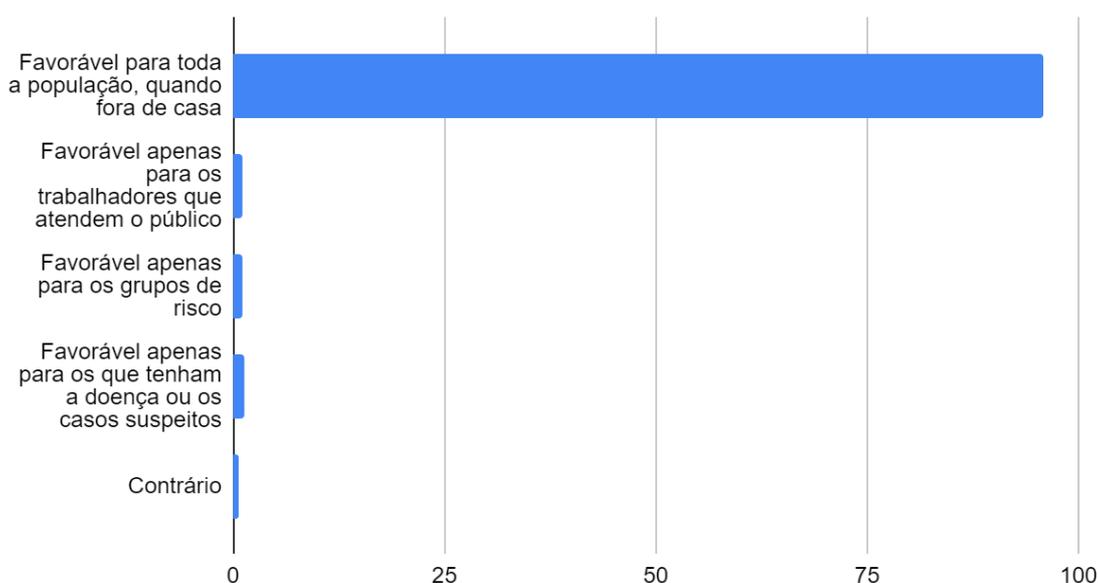
Os dados são apresentados a seguir através de gráficos que resumizam os resultados de questões sobre o uso de máscara, isolamento social, além de atitudes, percepções e comportamentos frente à pandemia.

- **Uso de máscara**

Conforme o gráfico que segue, o uso de máscara por toda a população é opinião majoritária dentro da nossa amostra com 95,9% dos respondentes indicando essa preferência.

Gráfico 4: Posição sobre uso obrigatório de máscaras

Em relação ao uso obrigatório de máscaras, você é:

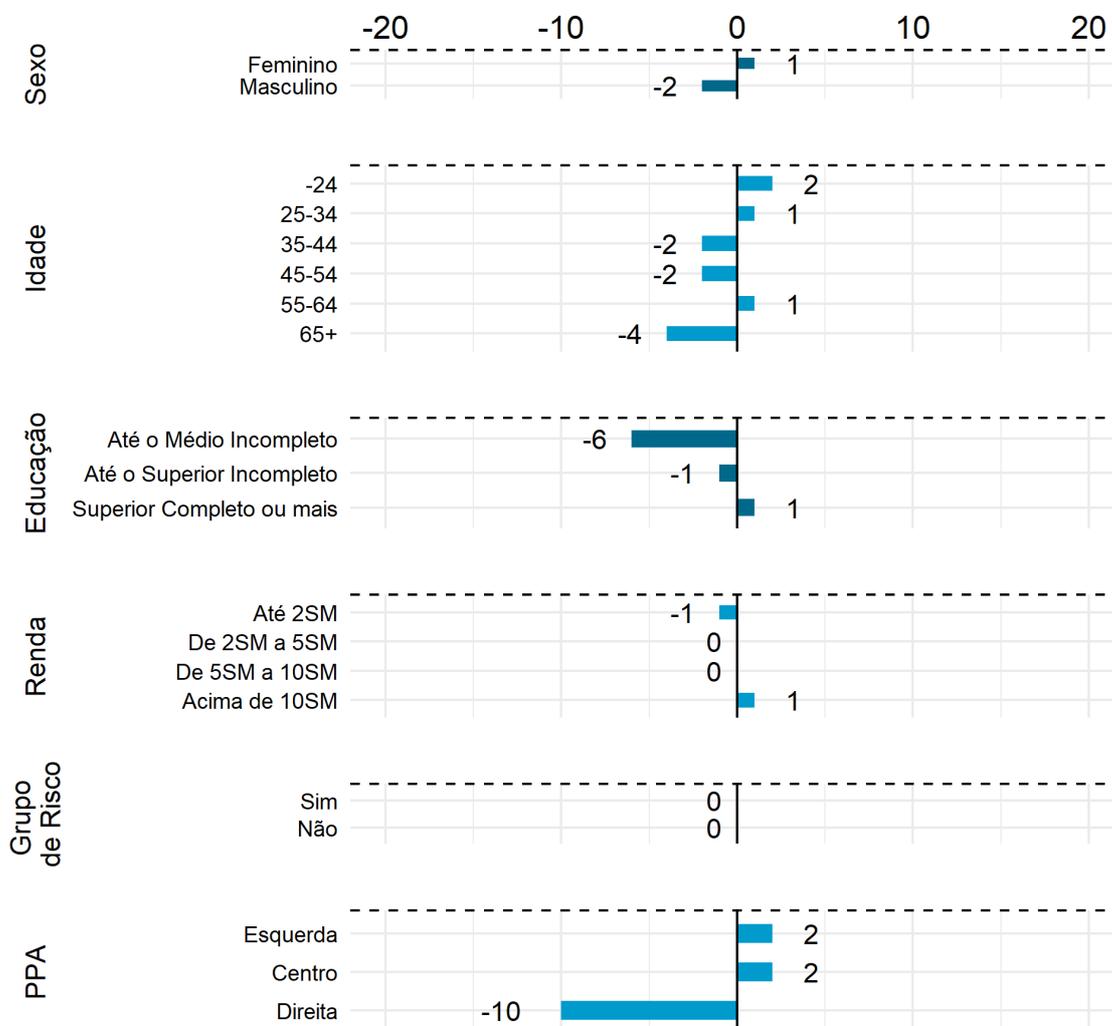


Controlando a resposta pelas variáveis sexo, idade, educação, renda, pertencimento a grupo de risco e posicionamento político autodeclarado, destaque para os perfis: menor escolaridade, ser idoso e autoposicionamento político à direita, todos menos favoráveis ao uso de máscara que a média total dos respondentes. O impacto do posicionamento político autodeclarado à direita sobre a opinião, nesse caso, foi de dez pontos percentuais a menos que a média.

Gráfico 5:

Favorável ao uso de máscara para toda a população, quando fora de casa

Desvio do valor em relação ao total da amostra (81%) em pontos percentuais



Em relação ao uso efetivo de máscara por esses participantes durante a pandemia, quase a totalidade afirma que não saiu sem máscaras ao ir ao comércio (96,6%). O impacto que o posicionamento político autodeclarado, a educação e a idade têm sobre a opinião sobre o uso de máscara não é tão forte quanto em relação à atitude de usar máscara efetivamente (Gráfico 6, abaixo), porém o posicionamento político à direita se mantém como destaque, por ser o grupo que menos entendia ser necessário o uso de máscaras para toda a população.

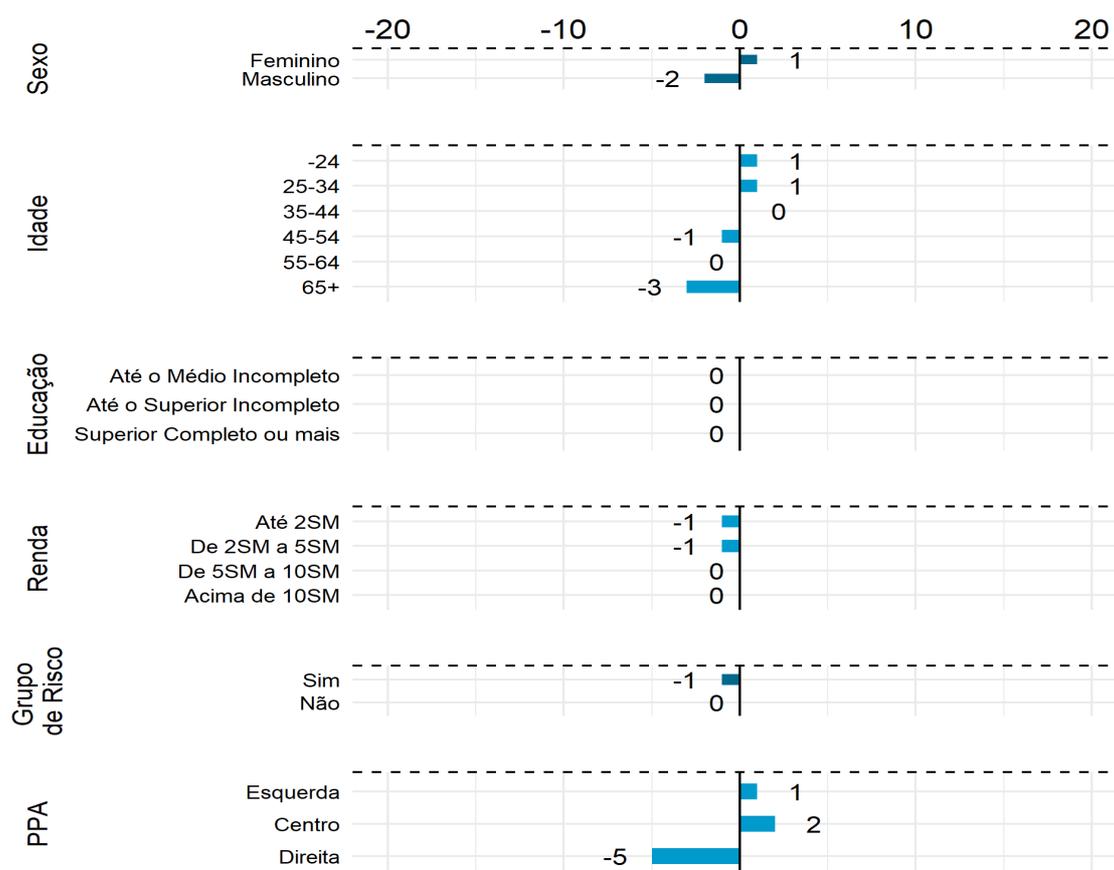
Tabela 20. Foi ao comércio sem máscara

Sim	3,2% (70)
Não	96,6% (2107)
Não tenho certeza	0,2% (5)

Gráfico 6:

Uso de máscara ao sair de casa durante a pademia do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (79%) em pontos percentuais

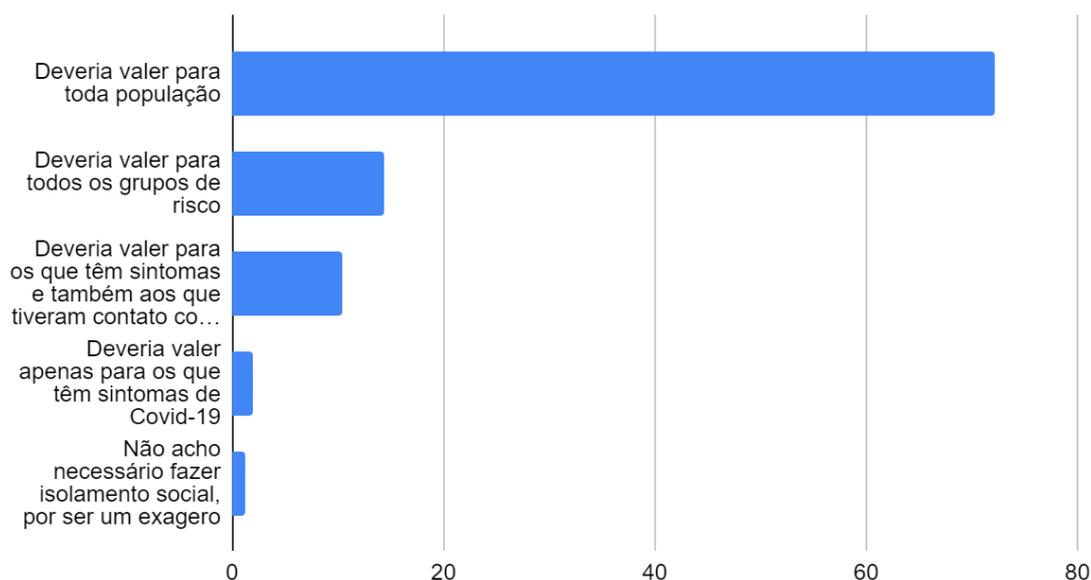


- **Isolamento Social**

O gráfico abaixo apresenta a distribuição percentual das respostas à pergunta sobre a opinião do entrevistado a respeito da política de isolamento social adotada como combate à pandemia. Nele é possível ver que na nossa amostra há apoio majoritário a aplicação dessa política a toda a população.

Gráfico 7:

Em relação ao isolamento social, você acha que:

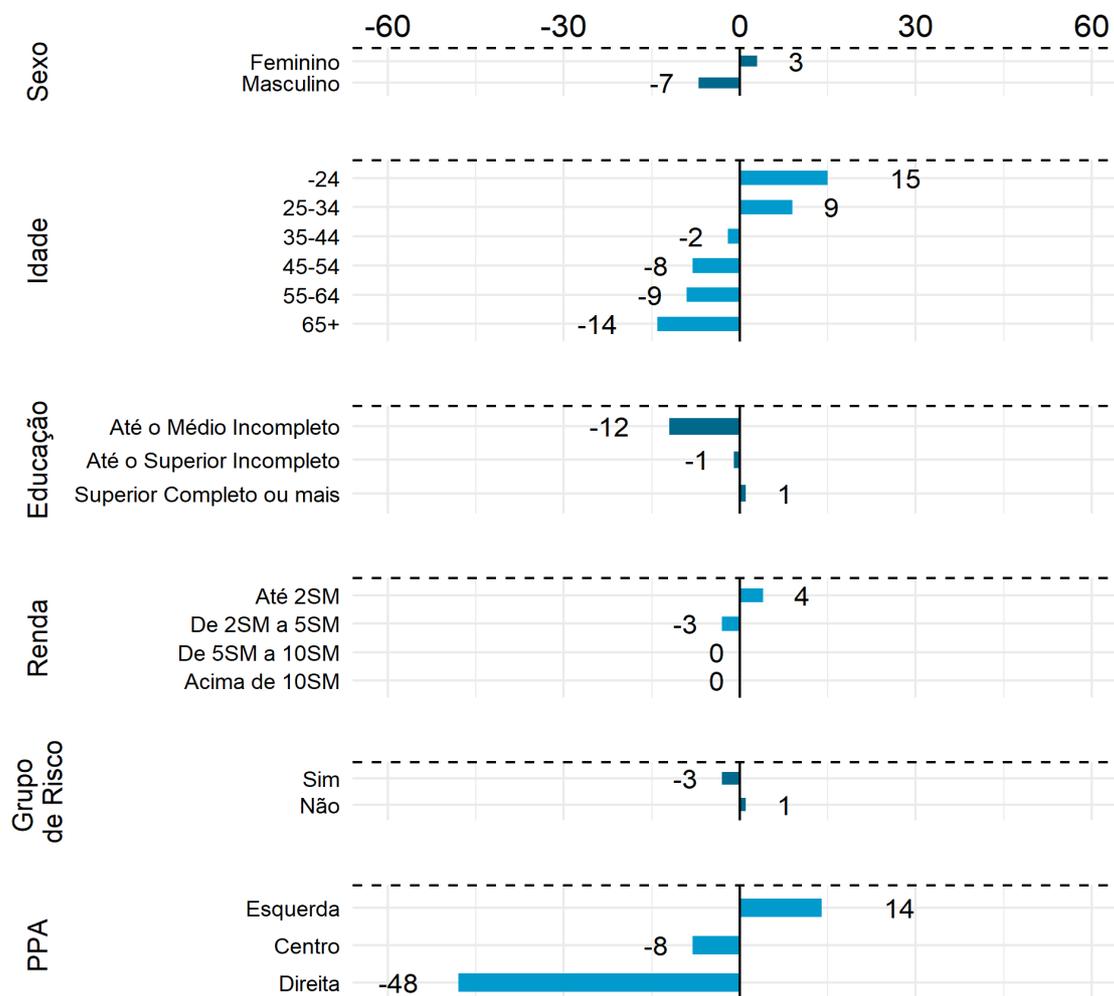


No Gráfico abaixo, é possível perceber que homens tendem a apoiar menos a aplicação do isolamento social para toda a população. Essa medida também é menos apoiada quanto mais velho é o respondente e quanto menor for a escolaridade. O posicionamento político autodeclarado, mais uma vez, é uma variável que afeta significativamente a resposta para essa questão.

Gráfico 8:

O Isolamento Social deveria valer para toda a população

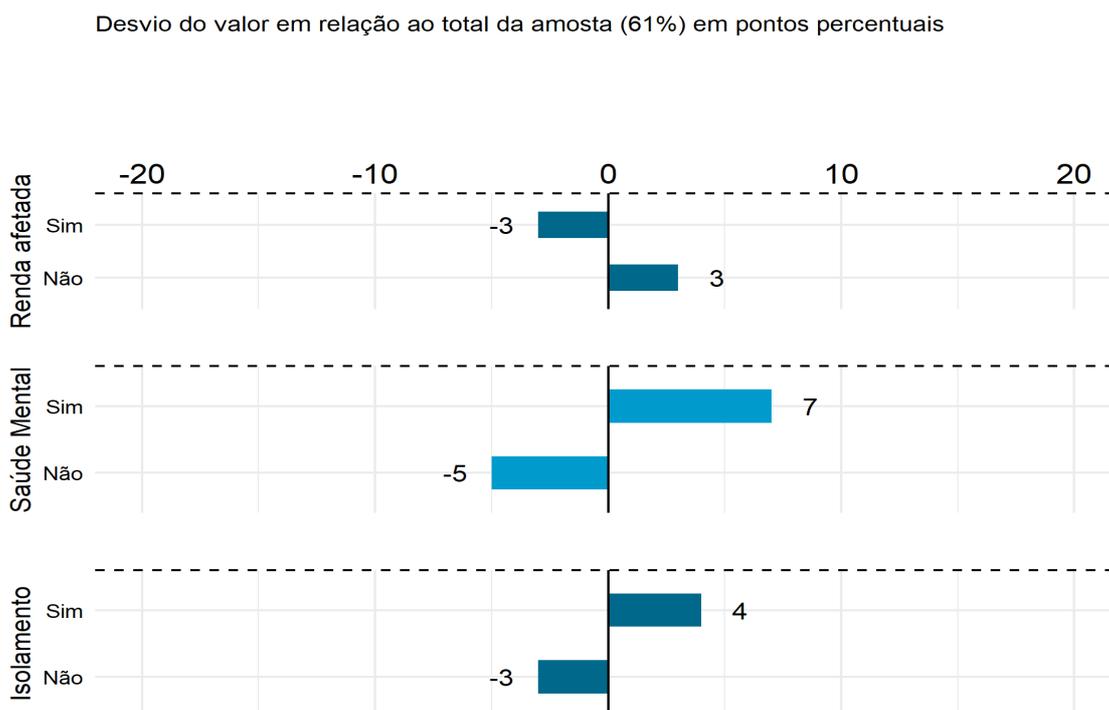
Desvio do valor em relação ao total da amostra (61%) em pontos percentuais



No próximo Gráfico nota-se que as pessoas com renda afetada possuem um desvio negativo em relação ao apoio ao isolamento social, no mesmo grau em relação às pessoas que não tiveram sua renda afetada, porém neste caso com um desvio positivo. As pessoas que estão tendo dificuldades para preservar sua saúde mental e sentindo a sensação de isolamento apoiam mais o isolamento para todos do que as que não estão tendo este tipo de problema. Isto indica que esses fatores (saúde mental e sensação de isolamento), até aquele momento, não estavam atuando como justificativas para romper o isolamento como, por exemplo, a questão da renda. Mas sim apareciam simplesmente como possíveis consequências deste contexto.

Gráfico 9.:

Impactos da pandemia e apoio ao isolamento social



Outro questionamento da pesquisa foi a respeito de cinco comportamentos de rompimento do isolamento social: *Se frequentou o salão de beleza, barbeiro ou cabeleireiro; se praticou atividades esportivas em locais públicos; se reuniu-se ao ar livre (parques, ruas) com pessoas que não moram com você; se foi na casa de outra pessoa; e se recebeu em sua casa alguém que não mora com você.*

Em relação a frequentar salão de beleza/barbeiro/cabeleireiro (Gráfico 10), 20,1% afirmaram que sim. Os principais grupos que influenciaram essa atitude foram a idade (pessoas com mais de 45 anos) e principalmente o posicionamento político autodeclarado à direita.

Em relação à prática de atividades esportivas em locais públicos (Gráfico 11), 15,8% afirmaram que o fizeram. Neste caso, os destaques foram o sexo masculino (romperam mais o isolamento) e as pessoas com mais de 65 anos, que romperam menos.

Em relação a reunião ao ar livre entre pessoas que não moravam juntas (Gráfico 12), 12,4% afirmaram que realizaram. Aqui a principal influência foi o posicionamento político autodeclarado à direita.

Em relação a ir na casa de outra pessoa (Gráfico 13), 34,1% afirmaram que foram. Os principais grupos que influenciaram essa atitude foram a idade (quanto mais novo, mais visitou), a educação (pessoas menos escolarizadas visitaram menos em contraponto a pessoas com até nível superior incompleto que visitaram mais) e, como nas outras questões, o posicionamento político autodeclarado à direita.

Em relação a receber alguém em sua casa (Gráfico 14), 40% afirmaram que receberam, a maior taxa dentre todas. A principal influência foi o posicionamento político autodeclarado à direita.

Tabela 21. Comportamento durante a pandemia

Frequentou salão de beleza / barbeiro /cabeleireiro	20,1% (529)
Praticou atividade esportiva em locais públicos	15,8% (417)
Se reuniu ao ar livre (parques, ruas) com pessoas que não moram com você	12,4% (327)
Foi na casa de outra pessoa	34,1% (900)
Recebeu em sua casa alguém que não mora com você	40% (1054)

Gráfico 10:

Frequentou salão de beleza/barbeiro/cabeleireiro durante a pademia do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (20%) em pontos percentuais

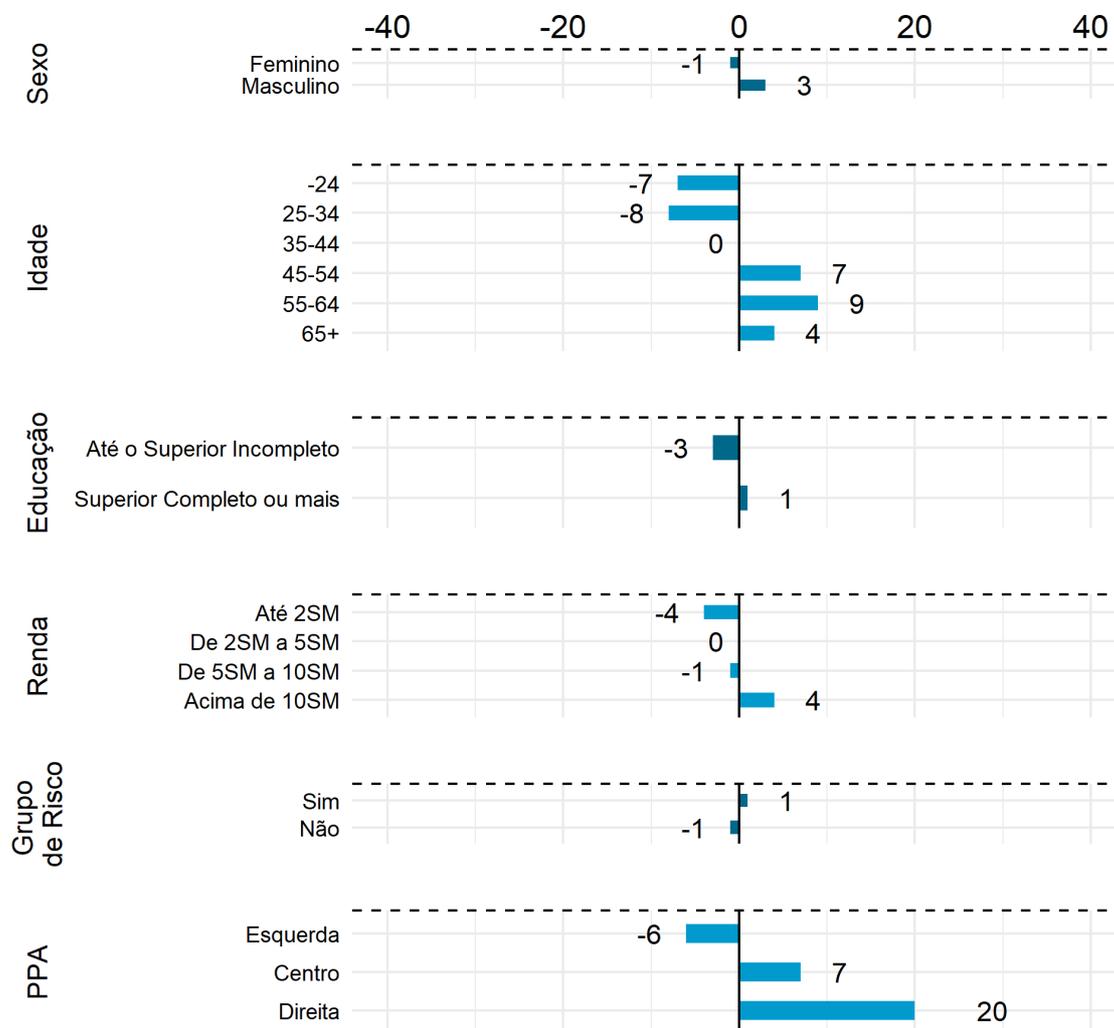


Gráfico 11:

Praticou atividade esportiva em locais públicos durante a pandemia do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (15%) em pontos percentuais

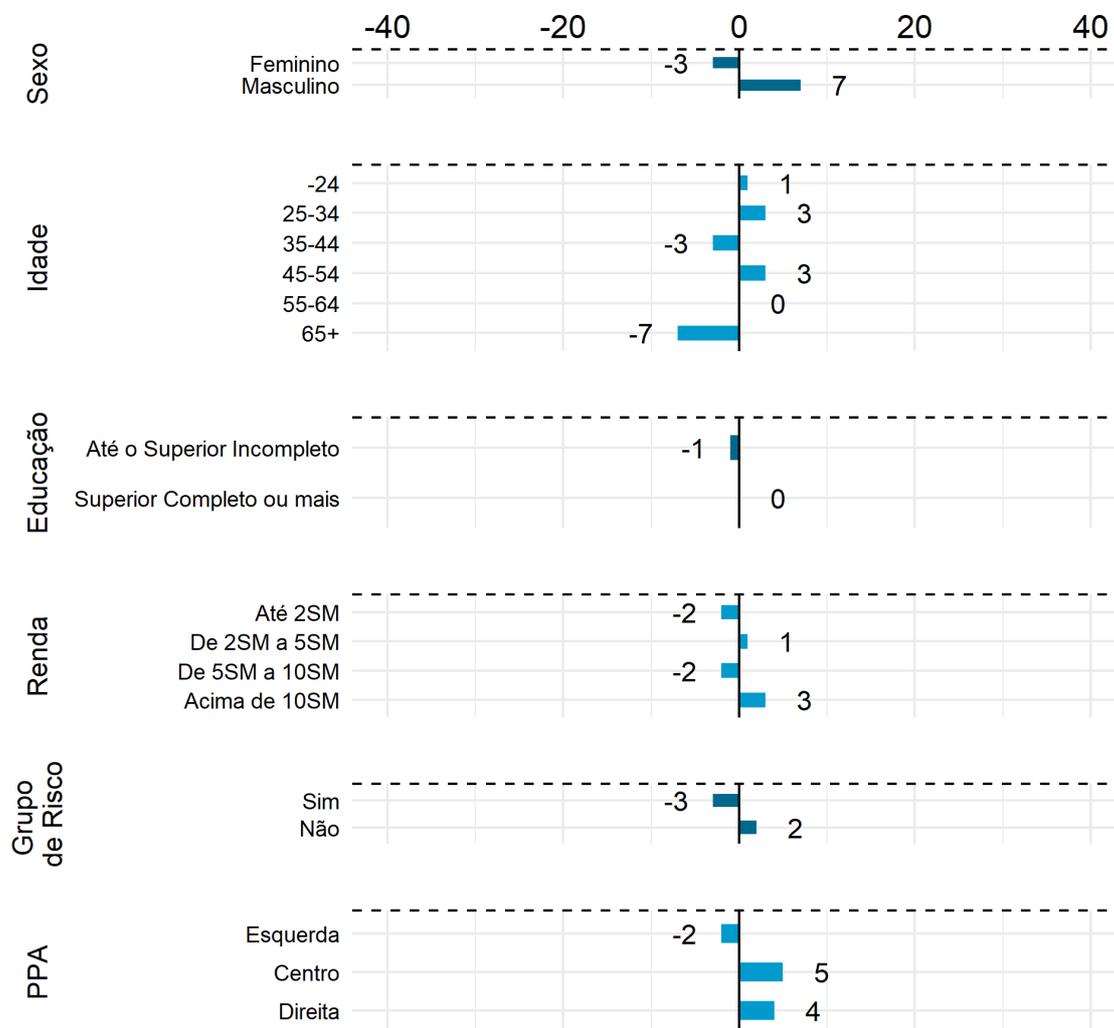


Gráfico 12:

Se reuniu ao ar livre com pessoas que não moram com você durante a pandemia do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (12%) em pontos percentuais

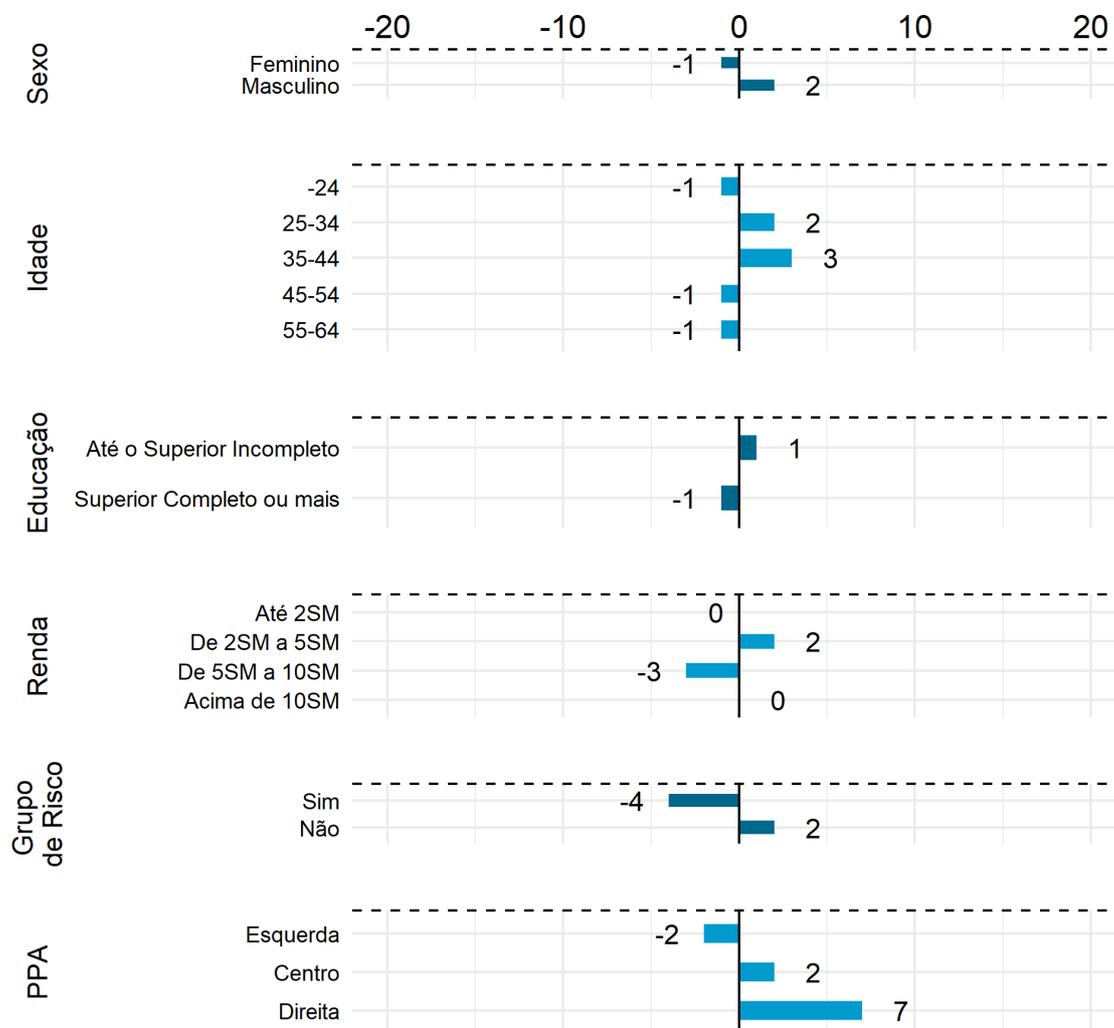


Gráfico 13:

Foi na casa de outra pessoa durante a pandemia do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (34%) em pontos percentuais

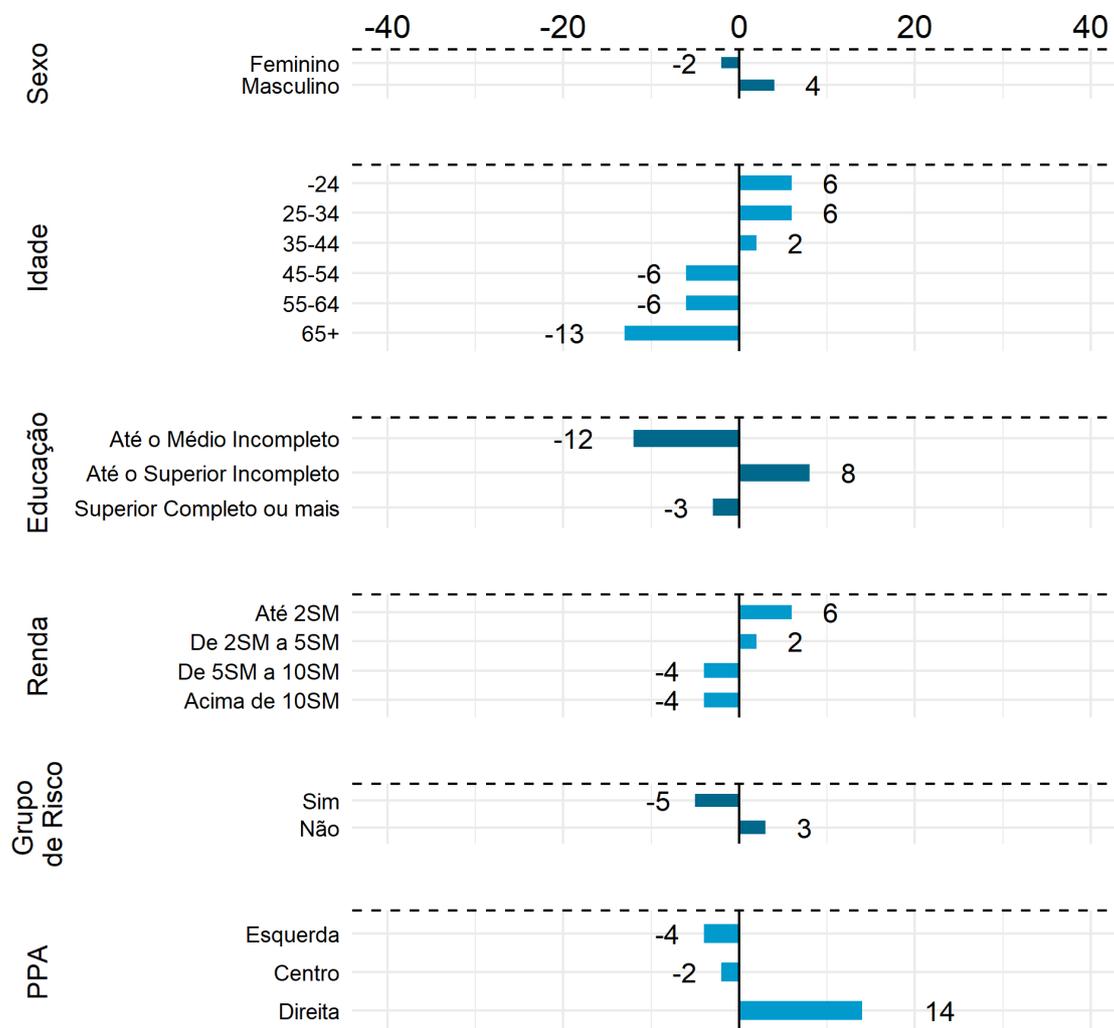
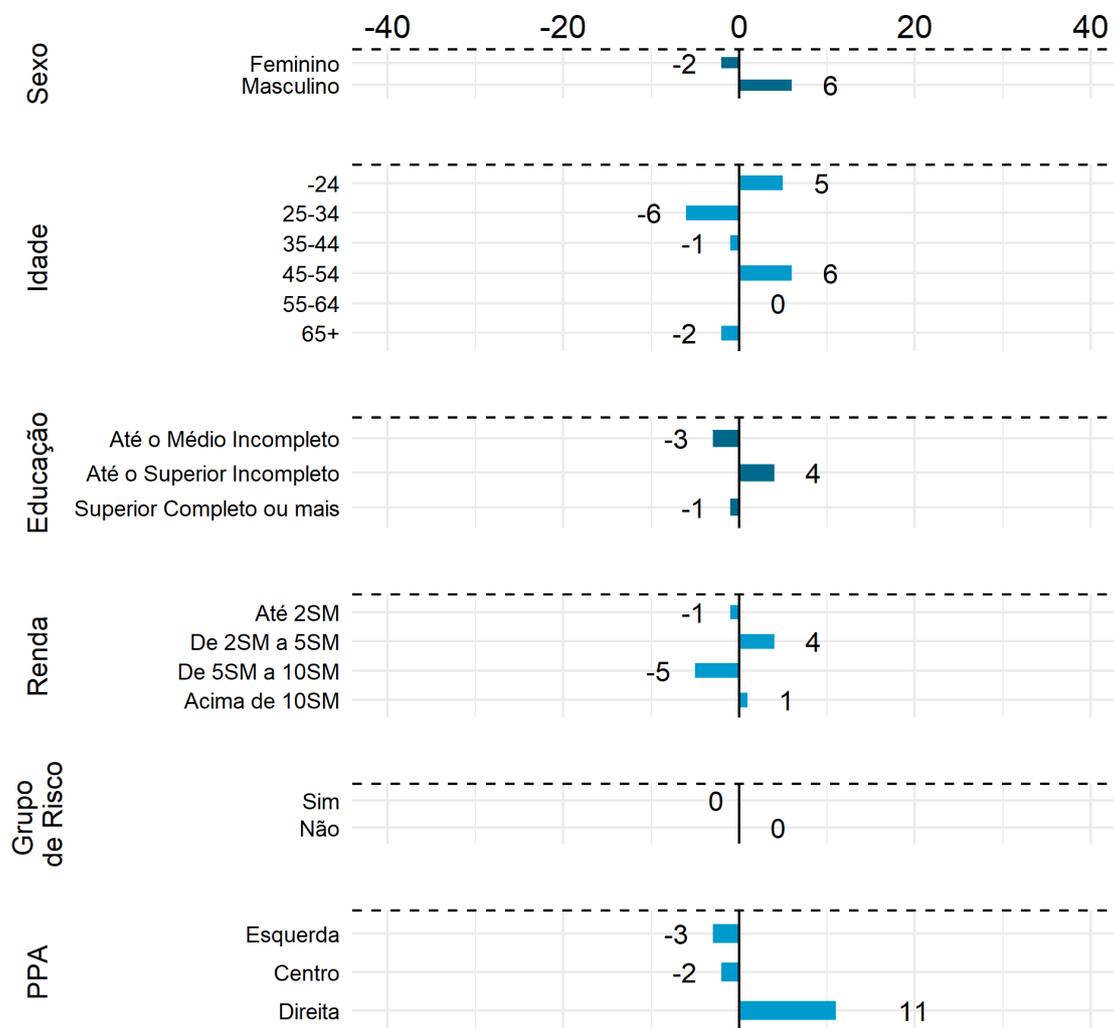


Gráfico 14:

Recebeu em sua casa alguém que não mora com você durante a pandemia do Covid-19

Desvio do valor em relação ao total da amostra (40%) em pontos percentuais



- **Grau de concordância com ações do Estado**

Foram questionados acerca de cinco atitudes do Estado frente ao Covid-19: *Se é importante que o governo gaste mais nesse período de pandemia, mesmo que a dívida pública aumente; se o Estado não deve ajudar empresas privadas que estão em crise por causa da pandemia; se é importante que o governo ajude as pessoas mais vulneráveis com o auxílio emergencial; se as pessoas têm direito de sair de casa quando quiserem e sem justificativa, mesmo com as medidas de isolamento social; e se o auxílio emergencial à população vulnerável deve ser tornado permanente mesmo depois que a pandemia acabar.*

Em relação a se é importante que o governo gaste mais nesse período de pandemia (Gráfico 15), mesmo que a dívida pública aumente, de 1 a 5 o resultado foi uma média de 4,08, indicando alto grau de concordância. Os principais grupos que influenciaram essa atitude foram a escolaridade (pessoas com menor escolaridade) e o posicionamento político autodeclarado à direita, ao se posicionarem de maneira contrária.

Em relação a se o Estado deve ajudar empresas privadas que estão em crise por causa da pandemia (Gráfico 16), numa escala de 1 a 5 o resultado foi uma média de 2,30. Neste caso, tendem a concordar mais os de maior idade e os de grupo de risco, com aqueles de posicionamento político autodeclarado ao centro apresentando maior discordância.

Em relação a se é importante que o governo ajude as pessoas mais vulneráveis com o auxílio emergencial (Gráfico 17), numa escala de 1 a 5 o resultado foi de 4,81, a maior dentre todas as taxas. Aqui a influência dos grupos diminui por ser de certa forma quase uma unanimidade, porém, o posicionamento político autodeclarado à direita tem uma pequena influência negativa.

Em relação se as pessoas têm direito de sair de casa quando quiserem e sem justificativa (Gráfico 18), mesmo com as medidas de isolamento social, novamente na escala de 1 a 5, o resultado foi de 1,90, indicando baixo grau de concordância. Os principais grupos que influenciaram essa atitude, assumindo a quebra do isolamento social, foram o sexo masculino e, principalmente, o posicionamento político autodeclarado à direita.

Em relação a se o auxílio emergencial à população vulnerável deve ser tornado permanente mesmo depois que a pandemia acabar (Gráfico 19), a média foi de 3,05. Neste caso, discordam de maneira mais importante os menos escolarizados e principalmente os posicionamentos políticos autodeclarados à direita e ao centro, de forma contrária a essa proposta.

Tabela 22. Grau de concordância com atitudes do Estado (média)

É importante que o governo gaste mais nesse período de pandemia, mesmo que a dívida pública aumente.	4,08
O Estado não deve ajudar empresas privadas que estão em crise por causa da pandemia.	2,30
É importante que o governo ajude as pessoas mais vulneráveis com o auxílio emergencial.	4,81
As pessoas têm direito de sair de casa quando quiserem e sem justificativa, mesmo com as medidas de isolamento social.	1,90
O auxílio emergencial à população vulnerável deve ser tornado permanente mesmo depois que a pandemia acabar.	3,05

Escala de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

Gráfico 15:

E importante que o governo gaste mais nesse período de pandemia, mesmo que a dívida pública aumente.

Desvio do valor em relação ao total da amostra (62%) em pontos percentuais

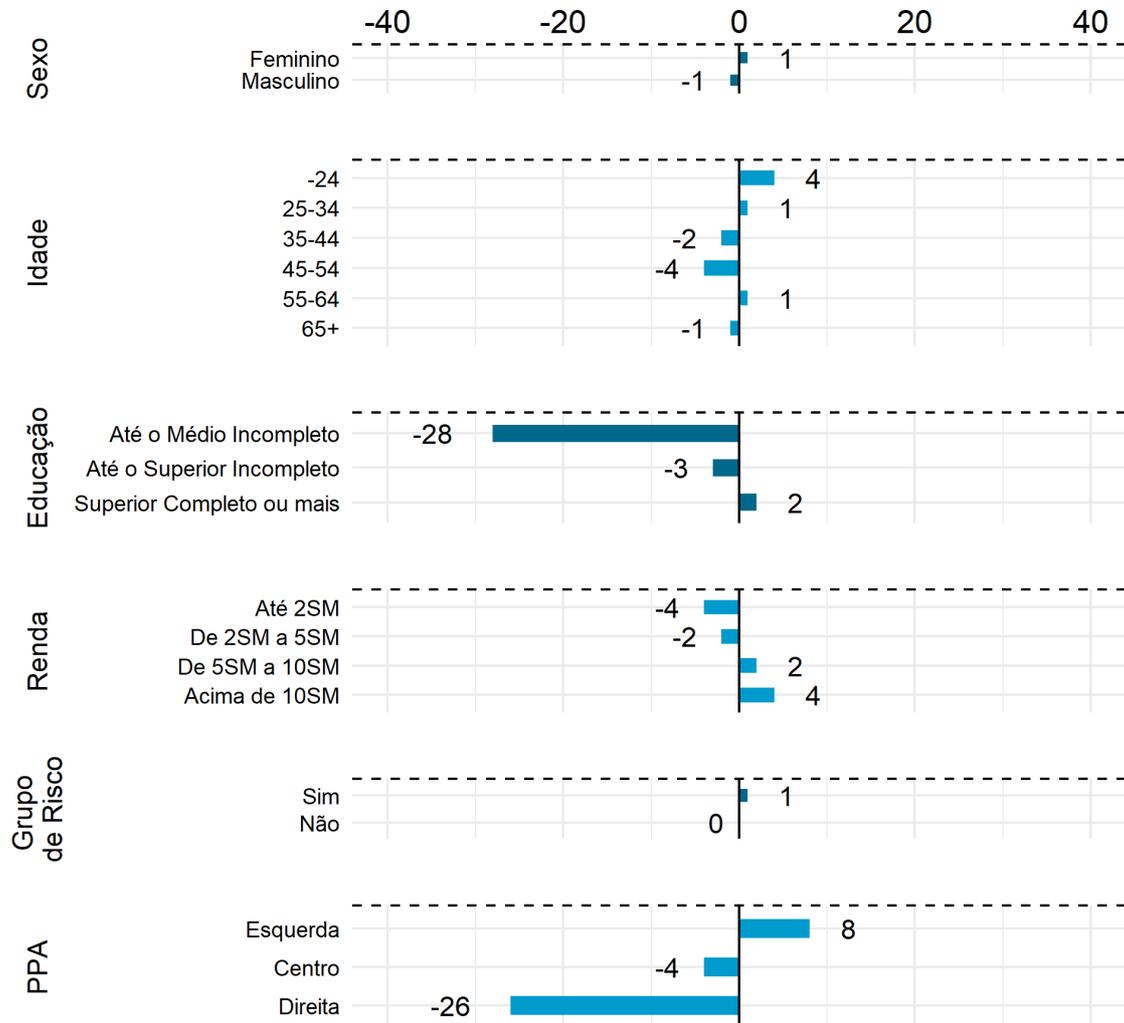


Gráfico 16:

O Estado não deve ajudar empresas privadas que estão em crise por causa da pandemia.

Desvio do valor em relação ao total da amostra (18%) em pontos percentuais

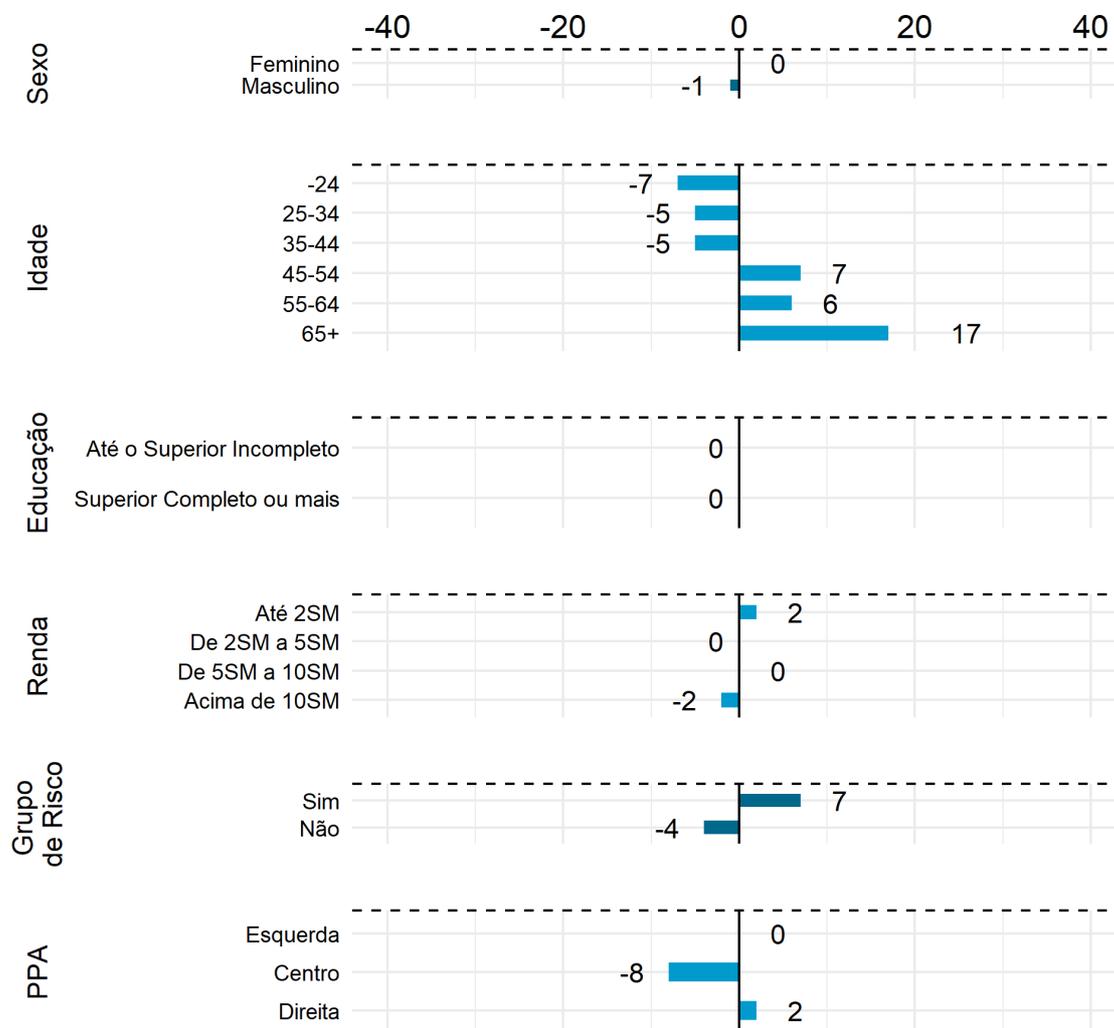


Gráfico 17:

E importante que o governo ajude as pessoas mais vulneráveis com o auxílio emergencial.

Desvio do valor em relação ao total da amostra (75%) em pontos percentuais

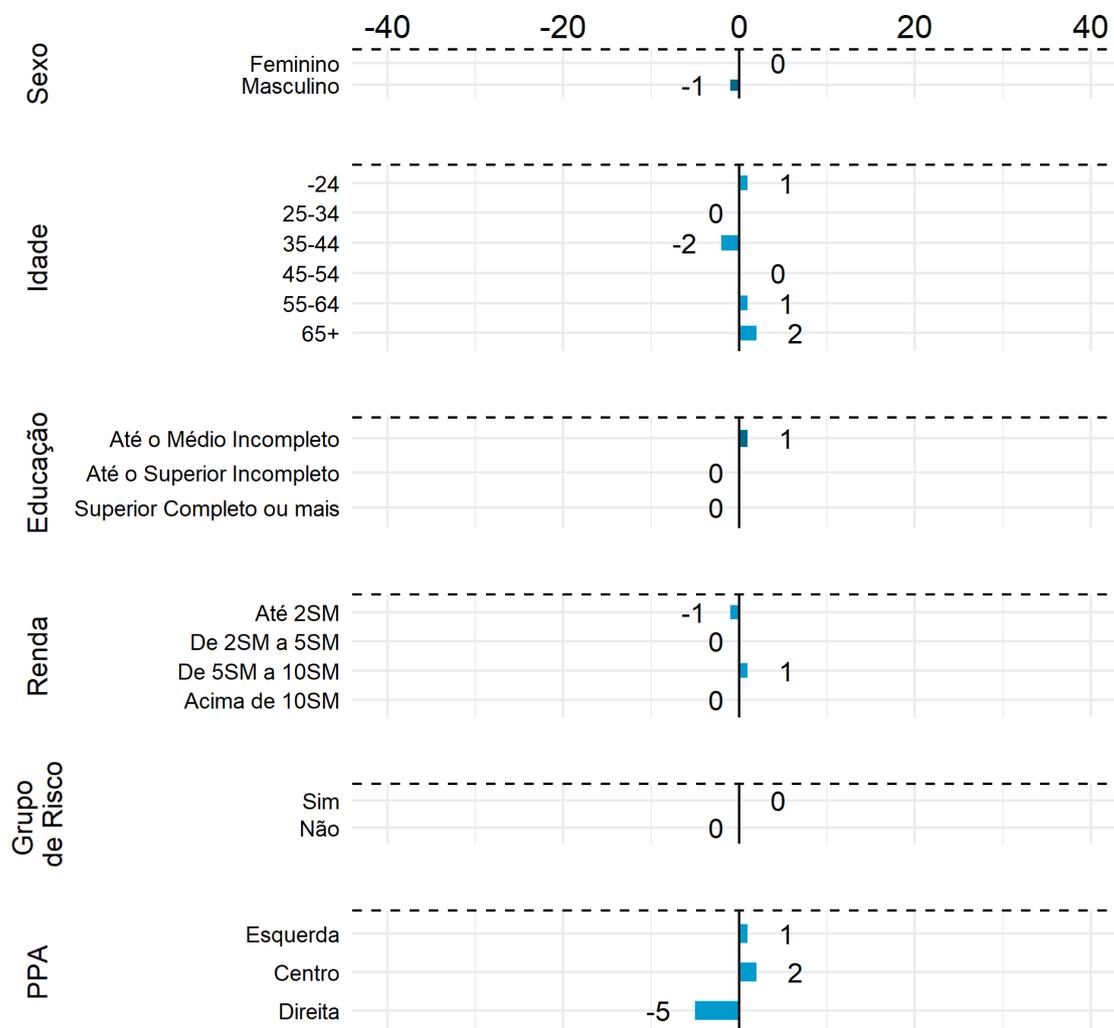


Gráfico 18:

As pessoas têm direito de sair de casa quando quiserem e sem justificativa, mesmo com as medidas de isolamento social.

Desvio do valor em relação ao total da amostra (14%) em pontos percentuais

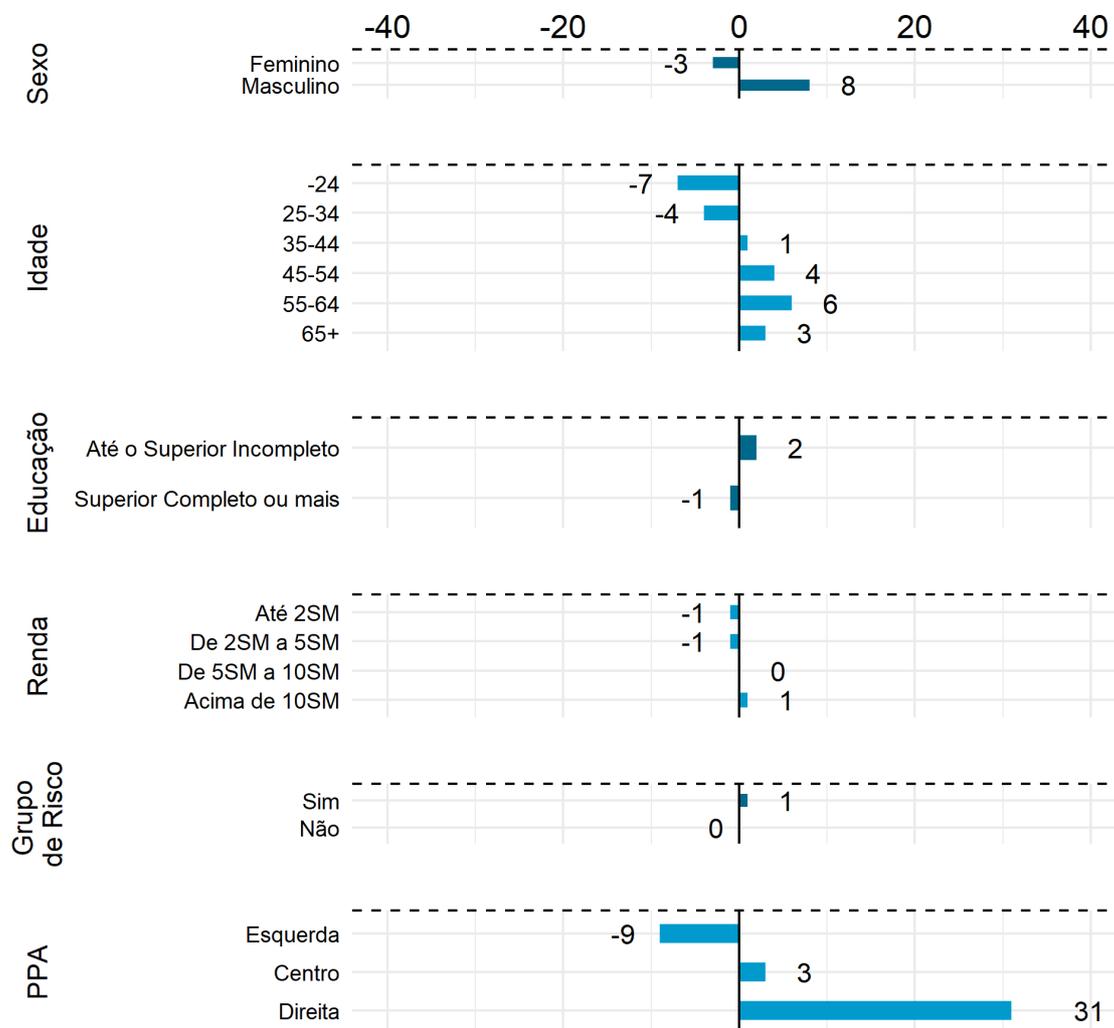
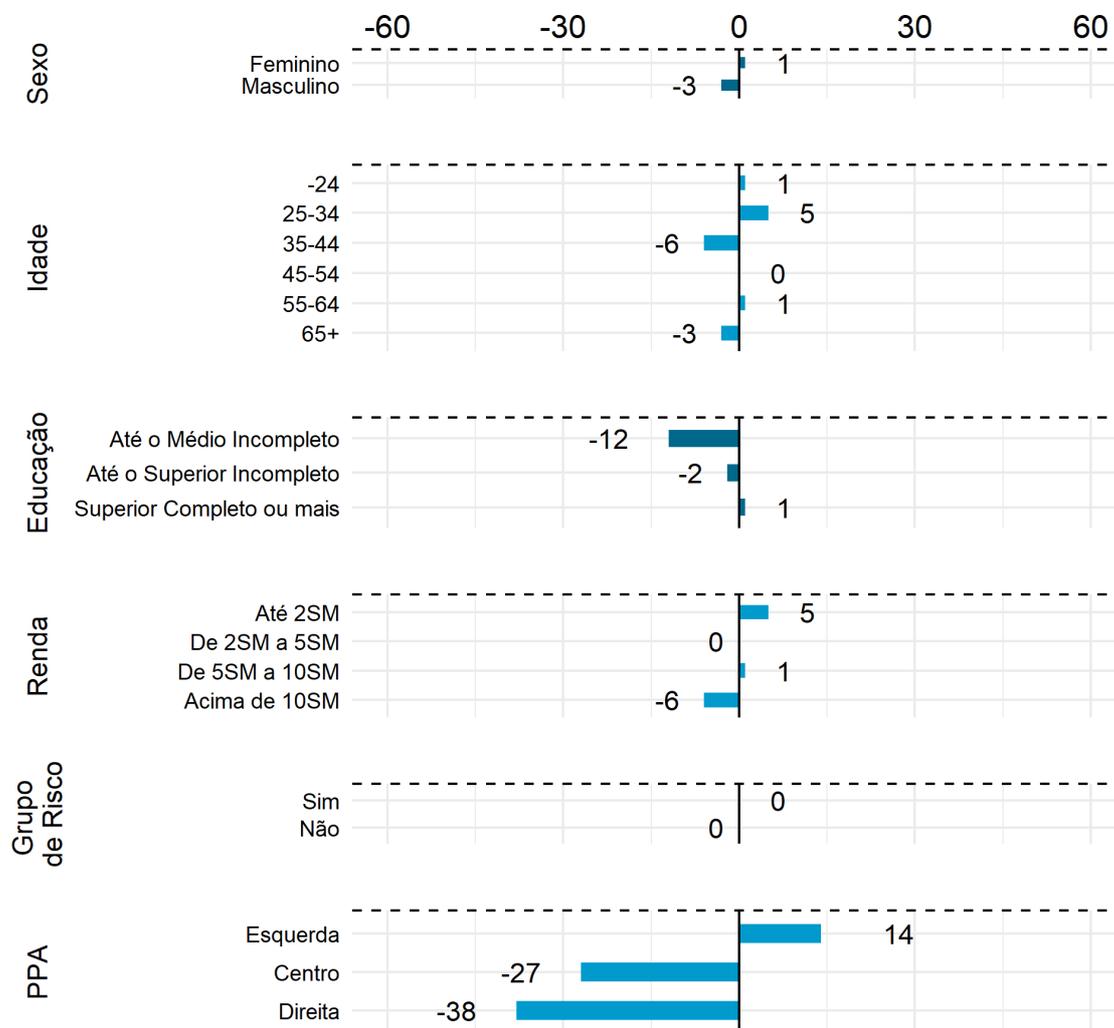


Gráfico 19:

O auxílio emergencial à população vulnerável deve ser tornado permanente mesmo depois que a pandemia acabar.

Desvio do valor em relação ao total da amostra (38%) em pontos percentuais



- **Percepção em relação a evolução da pandemia**

A figura abaixo apresenta a percepção dos respondentes sobre a situação da pandemia no estado de Santa Catarina. A maioria dos respondentes, durante o mês de junho, considerava que a situação no estado ainda iria piorar antes de melhorar (61,3%). Apresenta a diferença em relação ao valor da amostra (52%) para os grupos por sexo, idade, educação, renda, pertencimento a grupo de risco e o posicionamento político autodeclarado. É possível ver que a percepção - correta, como a realidade mostrou - de que a situação ainda iria piorar diminui com o aumento da idade do respondente, que ela é menor entre os menos escolarizados e que aqueles que se declararam de esquerda ou centro-esquerda têm percepções mais pessimistas sobre o futuro da pandemia no estado.

Gráfico 20.

Expectativa futura em relação à pandemia

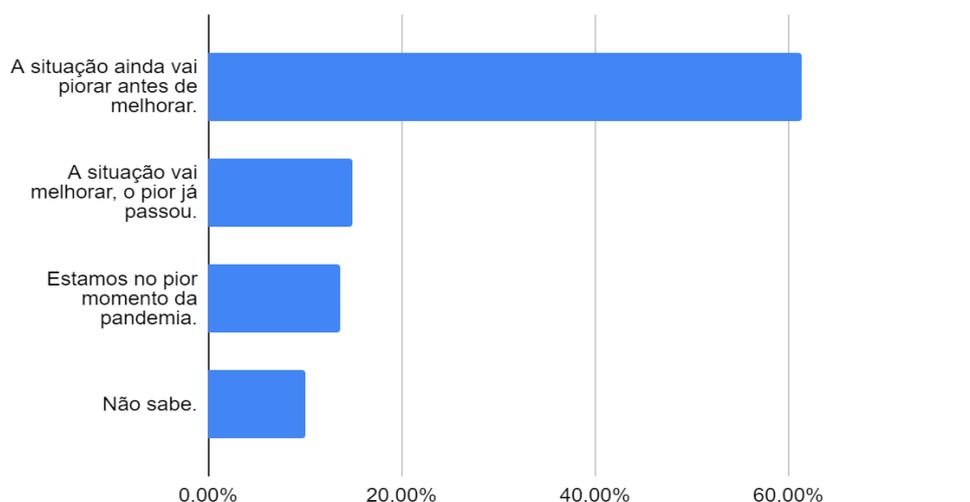
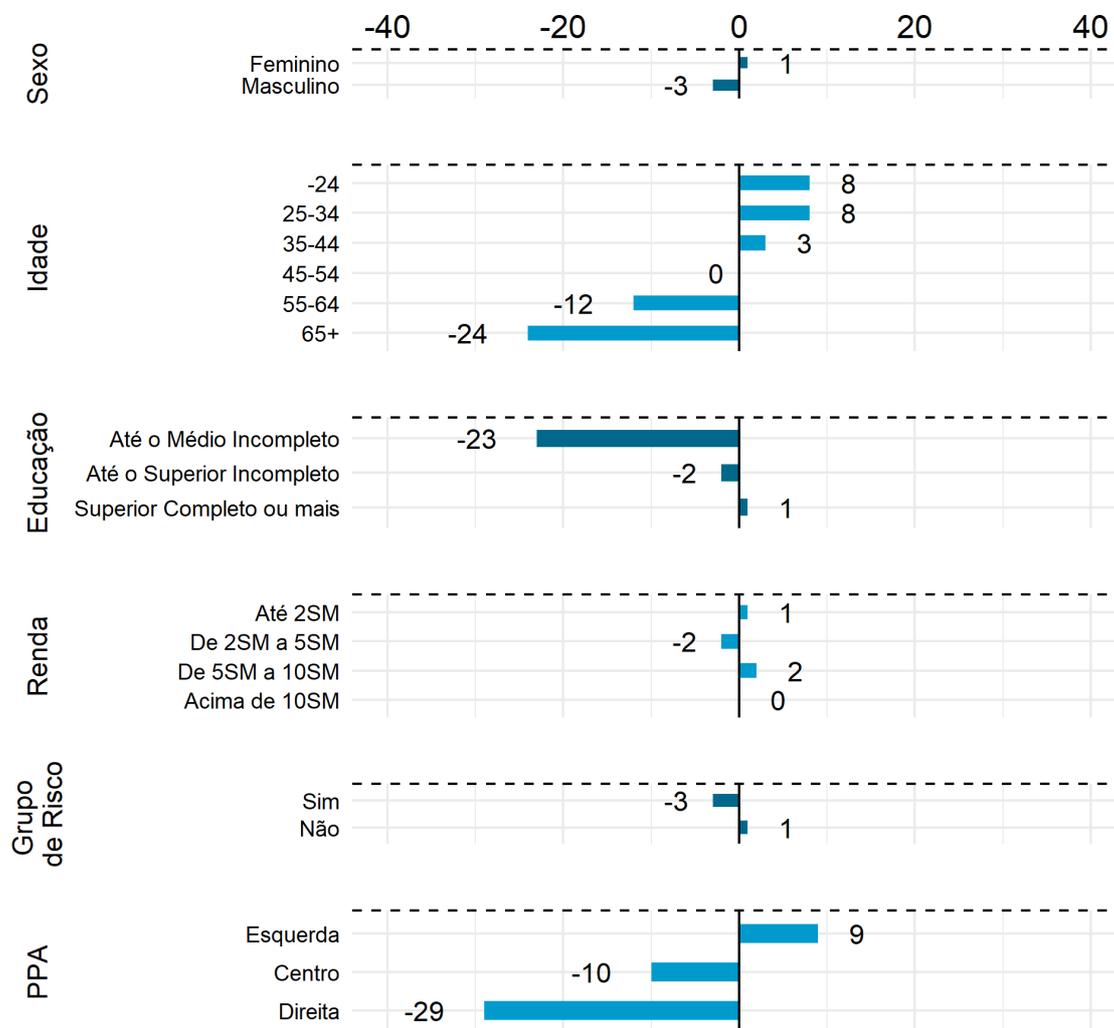


Gráfico 21

Pessimismo: A situação ainda vai piorar antes de melhorar

Desvio do valor em relação ao total da amostra (52%) em pontos percentuais



5. Conclusão

A pesquisa foi realizada durante o mês de junho, quando o estado de Santa Catarina ainda se encontrava numa situação menos grave em termos de número de contaminados e mortes.

Os resultados apontam para alguns aspectos importantes das atitudes e do comportamento social dos respondentes em relação à Pandemia:

- 1) Ampla maioria considera a Pandemia grave;
- 2) Ampla maioria se considera bem informada;
- 3) As maiores fontes de informação são TV, Sites Oficiais dos governos e Mídias Sociais;
- 4) Apesar da maioria dos respondentes se considerar bem informada, existe a tendência a superestimar ou subestimar os grupos mais vulneráveis diante da Pandemia, o que indica falta efetiva de informação;
- 5) Praticamente metade dos respondentes tiveram sua renda afetada pela Pandemia;
- 6) A sensação de isolamento e a dificuldade de preservação da saúde mental são dois dos principais problemas vivenciados pelos respondentes durante a Pandemia;
- 7) A grande maioria dos respondentes é favorável às políticas de isolamento social e ao uso de máscaras como forma de controle da Pandemia;
- 8) Em termos de descumprimento das medidas de isolamento social, ter ido na casa de outras pessoas ou ter recebido outras pessoas em casa foram as atividades mais relatadas;
- 9) Existem variações importantes nas atitudes e nos comportamentos em relação à Covid-19, quando se analisam as respostas segundo o perfil sociodemográfico ou alguns aspectos da identidade social e política dos respondentes;
- 10) Em termos gerais, as mulheres possuem maior preocupação do que os homens com relação aos riscos da Pandemia, e também são mais favoráveis às políticas de isolamento social;

- 11) Da mesma maneira, aqueles com maior escolaridade em relação aos de menor escolaridade;
- 12) Surpreendentemente, aqueles acima de 65 anos são o grupo etário que percebe como menores os riscos na Pandemia e também apresentam menor comprometimento com as políticas de isolamento social;
- 13) Os de menor escolaridade, os mais velhos e os autodeclarados de direita tinham menor percepção sobre o agravamento da epidemia nos meses subsequentes;
- 14) Existe também um importante correlato identitário nas atitudes e no comportamento social, indicando forte politização da Pandemia. Aqueles autolocalizados politicamente à direita são os que mais fortemente tendem a questionar a gravidade da Pandemia, são menos favoráveis às políticas de isolamento social e também são os que menos aderem a elas (a respeito, ver também o Apêndice).

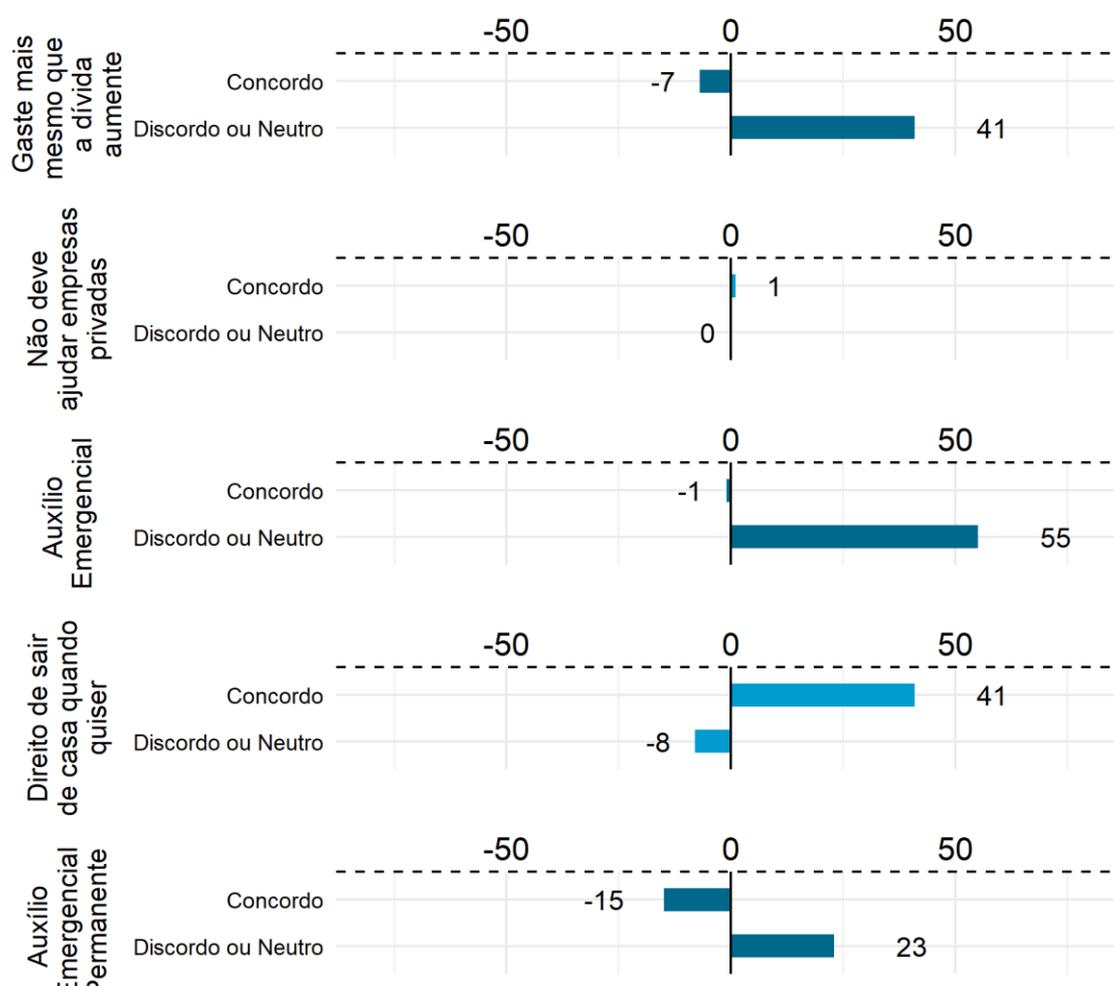
APÊNDICE

Coerência entre posicionamento político autodeclarado e atitudes de Estado frente à pandemia.

Gráfico 22:

Posicionamento político autodeclarado: Esquerda x Direita

Desvio do valor em relação ao total da amostra (11%) em pontos percentuais



Obs: Posicionamento político à direita representado com positivo (+) e posicionamento político à esquerda representado como negativo (-).

Teste gama de correlação entre posicionamento político autodeclarado e grau de concordância com atitudes do Estado

	Valor de Gama	Valor de P
É importante que o governo gaste mais nesse período de pandemia, mesmo que a dívida pública aumente.	-0,581	< 0,001
O Estado não deve ajudar empresas privadas que estão em crise por causa da pandemia.	-0,091	< 0,01
É importante que o governo ajude as pessoas mais vulneráveis com o auxílio emergencial.	-0,715	< 0,001
As pessoas têm direito de sair de casa quando quiserem e sem justificativa, mesmo com as medidas de isolamento social.	0,502	< 0,001
O auxílio emergencial à população vulnerável deve ser tornado permanente mesmo depois que a pandemia acabar.	-0,632	< 0,001

Posicionamento político autodeclarado de 1 (Esquerda) a 5 (Direita) e variáveis sobre grau de concordância com atitudes do Estado de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Estes resultados mostram alto grau de coerência entre autoposicionamento político e a aceitação ou não de medidas governamentais no enfrentamento à pandemia. As pessoas que se autodeclararam de direita tiveram correspondência muito alta em relação a atitudes e comportamentos frente à pandemia, bem como em sua análise sobre o papel do Estado, mostrando posicionamento político autodeclarado convicto e muito coerente entre os respondentes, resistente às principais medidas de combate a este problema grave de saúde pública.